

A CONCEPÇÃO ESPÍRITA DO HOMEM

Alessandra dos Santos Pereira⁴²

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, os sistemas de conhecimento humano divagaram em torno de um entendimento sobre quem é o homem. Essa trajetória deu origem a diversas formas de conhecimento e saberes sobre a criatura humana que juntos alinhavam a história da humanidade.

As civilizações mais antigas apontavam na direção de uma tradição mitológica que associava a criatura humana à natureza e a Deus, numa representação elaborada a partir da percepção das coisas e dos fenômenos naturais. Era o início de uma compreensão metafísica do homem, base das filosofias religiosas, na qual a essência humana e a verdade sobre as coisas predominam na interpretação dos acontecimentos da vida.

Mais tarde, com o advento da Idade Moderna, uma compreensão naturalista de homem foi sendo estabelecida; com o nascimento das ciências, a dualidade alma e corpo, a teoria da evolução entre outras formas de conhecimento que surgiram nesta época, o homem passou a ser concebido a partir de uma ênfase biológica, organicista, como resultado de um complexo sistema de funções específicas interagindo constantemente.

Em seguida, quando estes dois pontos de vistas tornaram-se saturados, surgiu a concepção histórico-social, valorizando a existência e situando o homem no tempo e no espaço. Esta concepção acredita na singularidade e na capacidade do homem de autorrealização, favorecendo uma visão de ser inacabado, que constrói sua própria história à medida que interage na vida social.

Certamente, quaisquer que sejam os conhecimentos sobre a humanidade, produzidos em quaisquer áreas, em todas as épocas, trazem consigo uma afiliação com uma concepção de homem. Seja na arte, na filosofia, no senso comum, na ciência ou mesmo na religião, há sempre a capacidade do homem de refletir sobre sua essência e existência, permitindo um entendimento sobre si mesmo.

Muitos podem acreditar que existe um impasse entre essas diversas concepções de homem; no entanto, é possível perceber que pela condição humana ser complexa, talvez uma abordagem de complementaridade entre as concepções seja mais sensato e é neste viés que surgem as indagações sobre o Espiritismo.

Para a Doutrina Espírita, qual a concepção de homem que alicerça suas colocações filosóficas, compreendendo que o Espiritismo possui ainda, o caráter científico e religioso associado a esta filosofia? Este é o objetivo deste artigo, que se propõe a elucidar as concepções filosóficas e religiosas que subsidiam a compreensão do homem para o Espiritismo, trazendo a contribuição das obras básicas e complementares que auxiliam neste

⁴² Estudante do EADE.

conhecimento, juntamente com a contribuição de pesquisadores que esclarecem as ideias espíritas.

Obviamente não há a pretensão de esgotar o assunto, mas de trazer a tona ideias que possam servir de reflexão sobre o homem e as diversas concepções descritas na literatura espírita, auxiliando o leitor a discernir sobre quais aspectos são pertinentes à proposta doutrinária e quais aqueles que não nos dizem respeito. Além disso, acredita-se que compreender estas considerações é ampliar a visão de si, do mundo e de Deus, desenvolvendo ideias de auxílio no processo educativo das criaturas, a vivência das leis divinas e a consolidação do reino de Deus nos corações e nos pensamentos das criaturas.

O HOMEM DO ESPIRITISMO

A Doutrina Espírita ensina que o homem na Terra é um espírito encarnado. Esse espírito foi criado simples e ignorante, sem saber, destinado à perfeição por meio das múltiplas encarnações. A encarnação do homem é caracterizada por uma filosofia interexistencial, devido à sua participação tanto na vida corporal como no mundo espiritual. É possível afirmar também que para o Espiritismo o homem é um ser bio-psico-sócio-espiritual.

Dizer que o homem é um espírito encarnado implica em compreender a necessidade e a finalidade da encarnação. Encarnar refere-se à entrada dos Espíritos na vida corporal e reencarnar diz respeito aos renascimentos sucessivos em um mesmo planeta ou em outros (MOURA, 2012). Pode ser entendido como *“um estado transitório, uma tarefa que Deus impõe, no princípio da existência, como primeira prova do uso que farão do seu livre-arbítrio”* (KARDEC, 1989, item 25), e, além disso, o faz *“com o fim de fazê-los chegar à perfeição”* (KARDEC, 2006, q. 131)

Outra finalidade na encarnação é que ela funciona como um meio de desenvolver a inteligência do Espírito e colocá-lo em condições de cumprir sua parte na obra da Criação. Para fazer isso, é necessário, a cada existência, lançar mão do corpo físico coerente com a matéria essencial desse mundo e cumprir naquelas condições os desígnios divinos. Com isso, além de colaborar com obra geral naquele mundo, o Espírito também se adianta (KARDEC, 2006, q.132).

Desse modo, a reencarnação é disposta como lei natural, que auxilia a evolução do Espírito, uma vez que, em cada existência corporal, novas oportunidades de reparar os equívocos cometidos em outras existências surgem além de produzirem novos aprendizados. Essa visão favorece um entendimento da reencarnação em consonância com a justiça e a misericórdia divina, pois ao invés de condenar o Espírito por seus equívocos, lhe concede a oportunidade de corrigi-los (MOURA, 2012).

A criação dos Espíritos como simples e ignorantes surge como ponto de partida que Deus concede a todos, oportunizando a mesma aptidão, as mesmas obrigações e a mesma liberdade de ação (KARDEC, 1989, item 25). A expressão “sem saber” adicionada por Kardec à criação dos espíritos pode ser mais bem compreendida com a ideia de sem conhecimento nem consciência do bem e do mal, porém, aptos a adquirir o que lhes falta (KARDEC, 1991, cap. VIII, item 12).

Nesta jornada, aqueles que seguiram somente o caminho do bem, igualmente necessitam das experiências corporais, para terem mérito da

evolução e conhecerem o bem e o mal, contudo não estão isentos dos sofrimentos da vida corporal, o que lhes favorece atingir a meta mais rapidamente (KARDEC, 1989, q. 133, 634 e 133-a).

Já aqueles que escolheram o caminho do mal não permanecerão nele eternamente, pois Deus não criou os seres destinados ao mal eterno. Os espíritos respondem que o bem é tudo que está em conformidade com a lei de Deus e o mal é tudo que dela se afasta, assim fazer o bem é proceder conforme a lei, e, fazer o mal é infringi-la (KARDEC, 1989, q. 630). Logo o “mal” é resultado da própria ignorância do Espírito e do não saber medir as consequências das próprias ações diante das leis divinas, fortalecendo a ideia de que na jornada evolutiva do Espírito não precisa passar necessariamente pela fileira do mal e sim da ignorância (KARDEC, 1989, q. 120).

A existência humana, na Doutrina Espírita, assume o caráter interexistencial, no dizer de Pires (1979) “*O homem se apresenta, assim, como a conjugação de três entidades distintas, numa única manifestação*”. Isso sugere que o mesmo viva, ao mesmo tempo, em dois planos existenciais, ora interagindo, quando imerso na dimensão física, com o mundo espiritual, ora, quando desencarnado, ligando-se contínua e estreitamente com o mundo material, numa dinâmica existencial e para além desta.

Sintetizar esses conhecimentos a respeito da compreensão do homem é trabalho de aperfeiçoamento moral e intelectual do Espírito, na direção da vivência das leis divinas. Forçoso compreender que esta articulação ora se dá no mundo físico, ora no mundo espiritual, numa dinâmica contínua e complementar, consolidando as conquistas e reiterando a elevação do Espírito.

O HOMEM BIOLÓGICO

Utilizando as tradições da ciência mecanicista é possível compreender o homem como um organismo complexo dotado de um sistema de funções específicas que se diferencia de outros animais pela complexidade do seu cérebro. Porém, a compreensão espírita não se encerra nas explicações biológicas muito embora as mesmas sejam fundamentais para o entendimento do espírito.

É possível encontrar na introdução de O Livro dos Espíritos a seguinte afirmação: “os *Espíritos revestem-se temporariamente um invólucro material perecível*”, assumindo o caráter biológico do homem e mais adiante adiciona que dentre as diferentes espécies de seres corpóreos Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos (KARDEC, 2006).

Com isso é possível compreender a dupla natureza da qual o homem participa, a do corpo como constituição animal e a da alma como composição espiritual. A porção corporal da existência humana certamente apresenta características distintas daquela de natureza espiritual, porém há uma influência do corpo sobre o espírito e vice-versa. Essa dupla concepção, longe de ser uma dualidade, constitui muito mais um alargamento do entendimento e uma janela para vislumbrar possibilidades de emancipação do homem na condição de encarnado.

Contudo, observa-se certo niilismo (negação) do elemento corporal como parte integradora do processo evolutivo do ser. Muitos adeptos do Espiritismo preocupam-se, excessivamente, com a próxima existência e esquecem-se de que a atual é fundamental para dar o passo necessário para a

próxima; ou ainda, como preocupação de não exacerbar a vaidade ou validar o culto ao corpo, terminam por negligencia-lo no processo de aperfeiçoamento moral e espiritual.

Kardec (2006, q 369) esclarece que a matéria tem grande influencia sobre o espírito quando diz que *“os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma, manifestação que se acha subordinada ao desenvolvimento e grau de perfeição dos órgãos”*. Emmanuel corrobora quando afirma que é pelo corpo físico que entesouramos experiências de sabido valor para a eternidade (XAVIER, 1972).

Para o espírita esclarecido, é fundamental valorizar o corpo sem excessos de qualquer natureza, tornando-o saudável instrumento de manifestação do espírito. Relegá-lo a segundo plano é negligenciar os recursos que nos foram confiados pela providência divina, malbaratando oportunidades e estacionando nas fileiras da pseudosseguurança ou do comodismo covarde. Além disso, demonstra nossa não compreensão da proposta libertadora da Doutrina Espírita que está bem estabelecida no dizer de Emmanuel, através da psicografia de Xavier (1972): *“Teu corpo é o livro em que aprendes na escola da vida. Não lhe fijas ao apoio do trabalho, nem à luz da lição”*.

O HOMEM PSÍQUICO

O homem encarnado na Terra é um ser complexo. Denis (1978) em sua obra esclarece que três elementos se combinam para formar a unidade viva no homem, a saber: o corpo, envoltório material temporário, o perísprito, invólucro fluídico permanente e invisível aos nossos sentidos naturais, e a alma, princípio inteligente, centro de força, foco da consciência e da personalidade. E continua que a alma, quando desprendida do corpo material e revestida do perísprito, constitui o Espírito, ser fluídico, impalpável em seu estado natural.

Kardec (2006, q. 135a) propõe ainda que o homem é formado por três partes essenciais. A primeira é o corpo ou ser material, semelhante aos dos animais e portador do mesmo princípio vital. O segundo, a alma ou espírito encarnado, que encontra no corpo sua morada. E terceiro, o princípio intermediário ou perísprito, elemento semimaterial que serve de envoltório ao Espírito e que une a alma ao corpo. Amorim (1976) esclarece ainda que o homem tríplice não desagrega a unidade básica do Eu, situando o homem na Terra em relação ao presente e ao passado e sinalizando caminhos para o futuro sem ilusões ou subterfúgios.

Essa composição trina do homem é, portanto, um entendimento típico da Doutrina Espírita, como resultado de um amadurecimento do homem, em diálogo com a própria espiritualidade, assentando o elemento espiritual como componente essencial e rompendo com as tradições religiosas de sua época.

Oportuno lembrar que até então, as concepções de homem vigentes, a época de Kardec, pairavam entre o pluralismo ocultista, o dualismo religioso ou o monismo materialista (PIRES, 1977). Assim o Espiritismo inaugura uma nova postura de compreensão baseada na racionalidade, na constituição tríplice do universo e na natureza trina da consciência humana.

Há de se considerar que esta visão colabora inevitavelmente para entendimento das três funções estruturais da consciência humana: a teórica, a prática e a estética. Essas funções são responsáveis por, primeiro, elaborar dados sensíveis, para depois estabelecer relações com os objetos, permitindo

a interpretação da realidade e por fim permitir a fusão afetivo-racional do homem. Assim, o tríplice aspecto da consciência está diretamente relacionado com a compreensão trina do homem (PIRES, 1977).

De maneira mais simples, pode-se afirmar que, em termos estruturais, o primeiro aspecto a ser considerado na consciência seria a razão, que funciona elaborando o esquema teórico de representação da realidade, a partir de dados coletados nas vivências e experiências do homem, e dando-lhe subsídios para estabelecer ligações afetivas e racionais com o ambiente ao qual está inserido.

Nesta busca, a inteligência se inclina na direção de orientar a afetividade, a volição e a inteligência, dotando o ser humano de uma dinâmica consciencial capaz de soerguê-lo de experiências infelizes e colocá-lo na direção de alcançar patamares evolutivos nunca antes experimentados.

Assim, a orientação filosófica-espírita se coaduna com esta perspectiva, uma vez que os dados da experiência são construídos numa representação teórica, formulando uma síntese afetivo-racional na qual, consciência e mundo se unificam, assumindo um caráter cósmico e consciencial, dito em termos religiosos “em espírito e verdade”.

O HOMEM SOCIAL

O homem é um ser social, insistiu Aristóteles. Está na condição humana a necessidade da vida em sociedade, como elemento capaz de nortear o processo de desenvolvimento pessoal e coletivo. É na sociedade que se pode alargar os limites das potencialidades. Os espíritos esclarecem na questão 766, ao dizer que “*A vida social está na natureza. Deus fez o homem para viver em sociedade*” (KARDEC, 2006).

É na sociedade que se estabelecem as estruturas necessárias para o processo de aprendizagem de novas conquistas. A luta pela sobrevivência permite o homem transformar a realidade social e ser transformado por ela, por meio do trabalho, resultando em progresso intelectual e moral. A questão 676 diz que sem o trabalho o homem permaneceria sempre na infância no que diz respeito à inteligência (KARDEC, 2006).

Ora, é a ação do homem, com o trabalho, que o coloca em movimentação bio-psíquica na direção de crescimento pessoal e coletivo. O termo “trabalho” permite ver o homem como manipulador de instrumentos, como agente transformador, como elemento criativo que labora em função de si e dos demais (KARDEC, 2006).

Assim, o trabalho não está restrito aos esforços físicos e materiais, abrange também a atividade intelectual que objetiva cultura, conhecimento, arte e ciência. Com o primeiro, o homem nutre sua necessidade de subsistir ao mundo e desenvolver condições favoráveis à manutenção das espécies, com o segundo ele modifica a si mesmo, enriquecendo-se moral e espiritualmente.

Outro fator importante na vida social é a linguagem. Na questão 766, os espíritos respondem a Kardec, quando perguntou sobre a vida social, “*não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessária à vida de relação*” (KARDEC, 2006), reiterando a linguagem e seus símbolos como elementos essenciais a vida de relação, capazes de redimensionar os limites pessoais e desenvolver uma convivência social transformadora e de paz.

Através do inter-relacionamento social, as oportunidades de crescimento surgem inevitavelmente com o convívio, favorecendo ao homem desenvolver aptidões e burilar as imperfeições, visto que a vida em sociedade

impõe aprendizado. Reforçando essa ideia na questão 298 os amigos espirituais revelam que os males humanos nascem da discórdia entre os homens, e na questão 967 completam que é o amor que une os Espíritos superiores em fonte de sublime felicidade (KARDEC, 2006).

É importante considerar também o que assevera Léon Denis, quando diz que a filosofia espírita ultrapassa a visão social das demais doutrinas, por apresentar uma visão sociológica do espírito como um constante enlace entre o visível e o invisível, interpretando o fato histórico como algo que se desenvolve na interação entre encarnados e desencarnados, sujeito a influências metapsíquicas, tornando-nos interdependentes (DENIS, 2014).

Essa visão colabora para uma compreensão de cooperação mútua entre os seres, corroborado por Herculano Pires (1983) quando afirma o conceito de Cosmossociologia que propõe uma interpretação mais abrangente da concepção social espírita das relações entre as sociedades, ampliando a visão para uma instância superior à análise sociológica e favorecendo a participação na sociedade terrena e espiritual como experiências de aprendizagens, nas quais o Ser edifica a si mesmo pela convivência social.

O HOMEM INTEREXISTENCIAL

A concepção de homem como ser interexistente foi proposta por Herculano Pires num ensaio sobre ontologia. Em seus textos o autor revela a necessidade de ampliação dos conceitos indicados pelas filosofias existencialistas, adicionando a proposta da Doutrina Espírita.

A concepção interexistencial é uma filosofia do espírito, que se ocupa em remontar o problema das origens. Segundo Pires (1977), a questão da origem é de ordem religiosa, e reitera que Kardec propõe que o problema da criação seja observado, em termos evolutivos, à luz da concepção monista e monoteísta. Prossegue dizendo que o que se sabe, sem dúvida, é que o mundo existe e todos nós existimos nele, cabendo a Filosofia Espírita, parte da realidade existencial, investigar as dimensões que não se restringe ao simples existir, mas que se ampliam no evoluir e no vir a ser.

A transcendência humana é o passaporte para uma compreensão mais acurada da existência. Necessário, portanto, repassar as ideias da existência para compreender com maior clareza a proposta interexistencial. Sendo assim, todos os seres vivem, mas apenas o homem existe, porque existir é ter consciência de si e viver na direção do crescimento, buscando superar a condição humana. O homem é assim o único ser existente designado como ser na existência (PIRES, 1960).

Assim, o viver humano não pode ser comparado com o viver das plantas e animais, mas sim a ideia de espíritos ligados à matéria que a utilizam em função de seus interesses subjetivos. A única aspiração verdadeira na existência é a liberdade, que só pode ser usufruída na interioridade de si mesmo. Desse modo, ao compreender este enraizamento existencial, é possível ao mesmo tempo conceber, com o Espiritismo, a transcendência, favorecendo ao homem participar de dois planos existenciais ao mesmo tempo, ou seja, existir na Terra através do corpo e existir como espírito no plano superior.

O intercâmbio contínuo dilata as possibilidades de renovação consciencial ou de despertar das consciências sobre as responsabilidades do Ser na existência. Como consequência, atinge os demais espíritos encarnados

e desencarnados, estabelecendo uma rede solidária interexistencial, nas quais as criaturas auxiliam-se mutuamente no processo de crescimento espiritual, utilizando a existência como dínamo propulsor deste crescimento.

Essa participação do homem impõe naturalmente o conceito espírita da interexistência, além disso, com esta colaboração interexistencial, é possível inaugurar a verdadeira fraternidade espiritual na Terra, desenvolvendo estratégias de atuação solidária e socorro espiritual indiscriminado entre os seres.

Importante entender que na medida em que o homem amadurece, deixa de ser homem para tornar-se espírito, assim como a criança deixa de ser criança para tornar-se adulto. Mergulhar na existência é utilizar todos os recursos na construção do ser espiritual que mesmo na condição de ser existente, é capaz de transcender a condição e aspirar outras realidades porque permanece consciente de si, e, quando chegar o momento da morte mudar-se para si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão em torno da concepção do Espiritismo sobre o homem sugere algo dado, fruto de simples consideração dos termos propostos por Allan Kardec. Contudo, ao mergulhar nas fileiras filosóficas e religiosas das concepções propostas pela Doutrina Espírita, o estudioso do Espiritismo se depara com a densidade das arguições e com a profundidade dos conteúdos a serem explorados nesta área.

Forçoso compreender que para além do entendimento de homem como ser trino, ou seja, dotado de espírito, perísprito e corpo, é fundamental que se estabeleça desdobramentos para penetrar em cada uma destas estruturas da tríade espiritual, cartografando caminhos e observando nuances que escapam ao estudante imparcial e que muitas vezes são responsáveis por enviesamentos no entendimento do Espiritismo.

Relembrando o benfeitor espiritual Erasto, descrito por Kardec (2004) que afirma haver uma recomendação que nunca seria demais repetir e que deveríamos ter sempre em mente ao nos entregarmos aos estudos: pesar e analisar, submetendo tudo ao controle da razão para daí formarmos nossa opinião. Certamente, apesar de o contexto da frase estar aplicado aos aspectos das comunicações mediúnicas, consideramos oportuna quando se fala de estudos espíritas. Sobretudo, porque muitos estudantes acabam por tangenciar as fontes primárias, preferindo resumos ou releituras, ou ainda, conformando-se com a reprodução de discursos prontos proferidos dentro das Casas Espíritas.

Longe de encerramos as discussões sobre o assunto, este artigo buscou apenas contribuir para a reflexão e retomada de ideias já estabelecidas por Kardec e outros estudiosos da Doutrina Espírita, mas que, algumas vezes permanecem pouco aclaradas, nos grupos de estudos doutrinários e que são fundamentais para a compreensão mais adequada dos postulados do Espiritismo.

Assim o homem na visão espírita é um projeto em si mesmo, dotado de consciência e responsável por seu próprio desenvolvimento, um ser social, psíquico e biológico, um esboço iniciado simples e ignorante que encarna com a finalidade de crescer em espírito, expandindo-se em direção a Deus. Neste processo adquire novas compreensões, auxilia no processo evolutivo do

planeta e dos demais seres, assume a existência na condição de construtor da sua própria história com o desafio de progredir para além do homem.

Tudo isso, acompanhado do Cristianismo como suave presença na criatura humana, direcionando-o a profundas incursões em sua humanidade, através da mensagem transcendente de “*amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*”, proporcionando um movimento cristão de renovação e transformação. Jesus, modelo e guia da humanidade ao asseverar “*conhecereis a verdade e ela vos libertará*” e em seguida proferir “*vós sois deuses*” convoca o homem ao processo de crescimento espiritual e de encontro com Deus por meio de si, assumindo o autoconhecimento como compromisso de aperfeiçoamento intelectual e moral do ser, na condição de encarnado na Terra.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Deolindo. **Visão Espírita do Homem**. In: Obreiros do Bem, agosto, 1976. Disponível em:

<http://www.ceallankardec.org.br/mensagens%202011.html>. Acesso em 29.09.2015.

DENIS, Léon. Depois da Morte. Tradução João Lourenço de Souza, 11^a ed., Rio de Janeiro/RJ: FEB, 1978.

_____. O Problema do Ser do Destino e da Dor. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2014.

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Trad. Evandro Noleto. 1^a edição, Rio de Janeiro, RJ:FEB, 2006.

_____. O Evangelho Segundo o Espiritismo. 1^a edição histórica. Rio de Janeiro, RJ:FEB, 2013.

_____. O Livro dos Médiuns. trad. Guillon Ribeiro, Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2004.

MOURA, Martha A. Necessidade da Reencarnação. FEB, 2012. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/colunistas/necessidade-da-reencarnacao/>. Acesso em 26.09.2015.

PIRES, Herculano. O Espírito e o Tempo. 3^a ed. São Paulo, SP:Edicel, 1977.

_____. Introdução à Filosofia Espírita. 1^a ed. São Paulo, SP:Paidéia, 1983

_____. Ser e Serenidade. São Paulo, SP: Paidéia, 1960.

XAVEIR, Francisco. C. No Portal da Luz. Pelo espírito de Emmanuel, Editora: IDE, 1972.